

O presente número da revista *História Oral* abre com o dossiê *Testemunhos: imagens e narrativas orais*, constituído pela valiosa contribuição de artigos que refletem e analisam testemunhos e sua relação com a memória e a história. Os textos são urdidos com relatos orais que compõem imagens narrativas, alvo da prática efetiva dos historiadores e historiadoras que operam criativamente, entre espaços e tempos diversos, na produção da escrita da história. Instituem um quadro do qual emergem os vínculos sociais dos agentes e, também, como não poderia deixar de ser, as práticas e comportamentos sociais, posturas políticas, visões de mundo, pontos de vista plurais, eventos e circunstâncias históricas específicas. No caminho dessas reflexões, os artigos que integram o dossiê tratam de questões que instigam e desafiam a nossa compreensão intelectual da problemática suscitada. O texto de Ana Maria Mauad, *Entre tempos e olhares: sobre a noção de testemunho na prática artística de Rosângela Rennó*, explora a noção de testemunho na prática artística de Rosângela Rennó, em estreito debate com a concepção de imaginação criadora. De forma subversiva e inovadora, traça um paralelo entre a ação artística, a história oral e a prática historiadora ao estudar o trabalho da artista visual intitulado *Imemorial* (1994). Analisa as entrevistas que realizou com a artista e problematiza a noção contemporânea de testemunho, como também valoriza a noção de “atitude historiadora” para reconhecer na artista uma historiadora da arte do visual. No artigo *Papai Noel como vigilância e punição: vivências e testemunhos de infâncias não vividas*, Humberto Miranda privilegia dois testemunhos de entrevistados que focalizam memórias do tempo de crianças, na cidade de Recife, nos anos 1980 – crianças que vivenciaram a situação de rua e foram “capturadas” pelas malhas do controle social que instituiu práticas de vigilância e punição para meninos e meninas. Os testemunhos que são dados a ler com base nas entrevistas, além de revelar diferentes formas de controle social – escolhas políticas que expressam diferentes “artes de governar” –, descortinam a força das imagens narrativas e redesenham o cotidiano da infância de abandono na cidade de Recife. No texto “*Um dia você há de escrever a história deles!*”: *identidades, historiadores e imigrações*, de Bruna Silva, Beatriz Anselmo Olinto e Marcos Nestor Stein, os autores analisam o relato de Oksana Boruszenko, ucraniana trazida pelos pais para o

Brasil no final da Segunda Guerra Mundial. A trama do texto é tecida com a narrativa de história de vida oferecida por Oksana Boruszenko, que constrói sua trajetória relacionando a produção de sua identidade ucraniana ao ofício de historiadora – atividade que insere a protagonista no âmbito da história e reconduz os autores ao “fazer-história”. No artigo *Narrativas do colonato: resistências cotidianas e porta-vozes no Sudeste cafeeiro – RJ*, Marcus Dezemone, ao focalizar o colonato como sistema que organizava a exploração do trabalho e da terra na lavoura cafeeira na região serrana fluminense, de fins do século XIX até a segunda metade do século XX, oferece significativa contribuição ao debate historiográfico sobre o tema. Toma por base entrevistas – realizadas como parte de um amplo projeto de pesquisa intitulado *Assentamentos rurais em perspectiva comparada*, no começo da década de 2000, coordenado por Afrânio Garcia Jr., Leonilde Medeiros, Sergio Leite e Mario Grynszpan – e destaca um aspecto central: o papel dos conflitos “menos perceptíveis e das formas de resistência cotidiana” na construção de noções de direitos, “ajudando a moldar a gênese, as alterações e a superação do sistema”. Os testemunhos dos personagens estudados emergem como ponto fundamental a ser considerado na análise, acionando memórias e narrativas sobre o colonato. Já o artigo de Francisco Fagundes de Paiva Neto, *Os ecos da Segunda Guerra Mundial entre piemonteses: diário de guerra e narrativa oral sobre a Diocese de Alba*, articula a narrativa com os fios da memória de religiosos que viveram a Segunda Guerra Mundial no norte da Itália. Um deles é o relato de um bispo da Diocese de Alba que participou ativamente da resistência política ao nazi-fascismo, apoiando os *partigiani* e registrando essa experiência em um diário de guerra. A partir desse documento de memória, o autor reflete sobre as narrativas orais do monsenhor Luigi Pescarmona (radicado no Brasil, no estado da Paraíba), cuja família foi colaboradora dos *partigiani*. Os dois relatos têm relações com a resistência, embora percorram distintos caminhos narrativos. Uma dessas memórias é o registro de um monarquista e a outra emerge de um personagem oriundo do mundo do trabalho, mas as duas reconstróem as práticas cristãs que se referem aos perseguidos do nazi-fascismo. O texto apresenta reflexões que debatem na memória o entrelaçamento entre experiência e narrativa e, ao mesmo tempo, apoia-se na prática historiográfica da história oral.

Na seção de artigos variados, o texto de Edilza Joana Oliveira Fontes, *A Comissão da Verdade na Universidade Federal do Pará: a criação de um acervo digital com testemunhos de violações dos direitos humanos*, versa sobre

os trabalhos e o acervo da Comissão César Leite de Memória e Verdade da Universidade Federal do Pará. O artigo traz a contribuição da autora sobre o importante trabalho realizado pelas comissões da verdade nos diversos estados brasileiros. Para Edilza Fontes é crucial observar o passado histórico que adentra o tempo presente, mobiliza imagens de violência e atualiza no presente o passado de opressão política. A autora analisa ainda as ações da Comissão César Leite, que colheu depoimentos de ex-alunos e ex-professores da UFPA, reveladores de memórias de violações dos direitos humanos. Nessa trilha, o artigo também analisa documentos do Serviço Nacional de Informação (SNI) e jornais do período dos governos militares no Brasil. Informa a construção de um acervo digital com fontes orais e audiovisuais que rompe com a política de esquecimento, especialmente com relação à história da UFPA. O artigo se centra nos testemunhos que narram experiências singulares, experiências individuais e coletivas, ocorridas em contextos passados – e presentes – na perspectiva da história que teima em não passar e revela histórias silenciadas. O artigo de Erica Cubilla, *Historia oral y migraciones internas: mujeres migrantes en el partido de General Sarmiento (Argentina, mediados del siglo XX)*, analisa a experiência migratória feminina na Argentina, em meados do século XX, por meio dos relatos de mulheres, privilegiando o seu ponto de vista. A autora adota a categoria de gênero como fundamental para a análise do processo migratório. Nesse sentido, seleciona dois relatos de mulheres para mostrar como, em processo de deslocamento, os agentes sociais podem ser vistos como sujeitos que escolhem seus caminhos e, ainda, são afetados por diferentes situações. Os relatos analisados mostram, entre outros aspectos, como a vida das mulheres em foco se diferenciam em suas condições de vida material e nas orientações que desenham em relação ao trabalho e à educação. As memórias narradas no artigo, portanto, são pensadas no processo ativo de criação de significados e, ao mesmo tempo, na relação passado-presente que se constrói para analisar os testemunhos.

Este número apresenta ainda a entrevista realizada por Fagno da Silva Soares com o professor Bruno Leal Pastor de Carvalho sobre as experiências, os desafios e as perspectivas da história pública e da história digital no Brasil. Na sequência, apresentamos a resenha escrita pelo historiador Marcos Fábio Freire Montysuma sobre o livro de Carla Rodeghero, *Memórias e combates: uma história oral do anticomunismo católico no Rio Grande do Sul*, uma contribuição importante à historiografia brasileira.

Com os textos dos diversos autores que temos a satisfação de ler neste número, aprendemos procedimentos teórico-metodológicos que nos auxiliam a compreender os múltiplos significados dos testemunhos orais e das narrativas que produzem – testemunhos que, ao se articularem por meio de histórias, materializam-se na linguagem escrita, aspecto central para a historiografia contemporânea.

Agradecemos aos autores, aos pareceristas, ao conselho editorial e à equipe de revisão e editoração, que se empenharam em manter a qualidade do nosso periódico.

Desejamos que nossas leitoras e nossos leitores façam boa leitura e ricas reflexões!

Regina Beatriz Guimarães Neto
Sara Oliveira Farias
Editoras de *História Oral*